

1817: a revolução esquecida¹

*Paulo Santos**

O próximo dia 21 de abril será feriado nacional. Todo mundo vai se lembrar de Tiradentes, o mártir da Independência, e também agradecerá a ele pelo sacrifício que fez por nós. Mas o dia 6 de março – que também já foi feriado nacional – vai passar em branco. Todos nós estudamos no colégio um importante acontecimento histórico ocorrido nesta data, mas alguém, por acaso, se lembra dele? Pois vamos rememorar: em 6 de março de 1817 (cinco anos antes da Independência), o Recife se levantou contra o domínio português. Poucos dias depois as províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte, lideradas por Pernambuco (do qual Alagoas fazia parte, na época), também se rebelaram, e – com todo respeito aos inconfindentes mineiros – o Brasil foi independente, de fato, pela primeira vez!

Aqui em Pernambuco foi proclamada uma República e por mais de dois meses, pela primeira vez, os brasileiros tiveram governo próprio, constituição, exército, esquadra e até embaixadas no exterior. Fomos além de decretar a autonomia política, antes que um aventureiro o fizesse: proclamamos a igualdade social e a liberdade religiosa, de pensamento e de imprensa, e não só tentamos acabar com a escravidão, mas também com a discriminação contra negros e mulatos! Tudo, também, pela primeira vez no Brasil!

Finalmente, e, de novo, com todo respeito ao sacrifício dos mineiros: a repressão ao nosso movimento não causou apenas uma vítima. Aqui

foram cerca de 1.600 mortos e feridos – uma barbárie, considerando que o Recife tinha entre 30 e 40 mil habitantes, na época –, além de mais de 800 degredados. Apesar da magnitude desse acontecimento, hoje em dia se sabe quem foi Tiradentes, muita gente conhece a história da bandeira de Minas Gerais, a do triângulo vermelho em fundo branco e do “*Libertas quæ Seræ Tamen*”, entretanto, quase ninguém saberia dizer quem foi Gervásio Pires, Vigário Tenório, Cruz Cabugá, que dão nome a ruas do Recife. Tampouco faria idéia de onde veio nossa linda bandeira azul e branca, exibida por toda parte com tanto orgulho, e o que significam o sol, a estrela, o arco-íris e a cruz...

Apenas em 1917, quando transcorreu o centenário da Revolução Pernambucana, houve emissão de selo pelos Correios e a data foi comemorada. Esse dia foi feriado em todo o País. Depois a data mergulhou no esquecimento, não é lembrada sequer em nosso Estado, cujo povo é orgulhoso das suas tradições e onde o período holandês é tão conhecido e badalado. O motivo desse “apagão” político e cultural, entretanto, é relativamente simples: pelas suas avançadas propostas sociais e políticas, aquele movimento foi sempre execrado. No Período Colonial e no Império, louvou-se muito a bravura dos que expulsaram os holandeses, mas os revolucionários de 17 foram tratados – compreensivelmente – como rebeldes anarquistas, portadores de consciências depravadas, inconfindentes malvados que transformaram num covil de monstros o teatro onde bri-

¹ Publicado originalmente no *Jornal do Commercio* do Recife, PE, em 06.03.2006

* O autor é jornalista.

lhara a fidelidade de Fernandes Vieira, Henrique Dias e outros, tratados como heróis...

De Pernambuco, dizia-se, “emana o vapor maligno da democracia!” Durante a Primeira República, de 1889 a 1930, nossa República de 1817, que tinha uma certa identidade com ela, ainda foi vista com bons olhos, mas, a seguir, no período getulista, centralizador e autoritário, novamente deixou de ser simpática, por ter defendido e apregoadado o respeito à democracia, a divisão e a descentralização do poder. Nossos revolucionários, enfim, não apenas foram esmagados em vida; a memória deles continuou a ser perseguida pelos séculos afora! Nem todos se omitiram. Historiadores fizeram a parte de-

les, como Muniz Tavares (um participante) e Oliveira Lima quanto os contemporâneos como Amaro Quintas e Manoel Correia de Andrade – além de pensadores de outros centros, como Carlos Guilherme Mota; estudaram e analisaram tudo cuidadosamente. Mas o trabalho historiográfico, infelizmente, não atinge o grande público. Apenas o interesse dos poderes públicos, dos meios de comunicação e, finalmente, dos artistas é que poderá algum dia popularizar e dar vida à memória da Revolução Pernambucana de 1817, que foi curta, intensa, apaixonada, romântica e, se tivesse triunfado, teria dado um rumo diferente – e talvez melhor – ao nosso País. ●

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

Coleção General Benício



A Carga da Brigada Ligeira

Cecil Woodham-Smith

Após consultar farta documentação primária, a autora aborda um dos episódios militares mais famosos e de extrema importância para os leitores brasileiros interessados em História Militar. A Carga da Brigada Ligeira, comandada por Lorde Cardigan, durante a batalha de Balaclava, na Guerra da Criméia em 1854, é episódio que, pela sua notoriedade, deve ser conhecido em profundidade por todos os militares de carreira e por estudiosos de história. Atendendo a este universo, a Biblioteca do Exército Editora entrega aos seus assinantes/leitores tão importante título.